

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO PARADIGMA VIRTUAL: ATUAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

Por:

Renata Ciol

Trabaja desde el año 2000 en el Proyecto de Desarrollo de Bibliotecas Virtuales en Salud (BVS): (<http://www.bireme.br>).

Correo electrónico: rciol@uol.com.br

Vera Silvia Marão Beraquet

Actualmente es pro-rectora de investigación y postgrado de la Pontificia Universidad Católica de Campinas.

Correo electrónico: beraquet@puc-campinas.edu.br

Resumo

Procura trazer reflexões sobre as possibilidades de atuação do profissional da informação na área de saúde pública no Brasil, abordando o binômio Educação e Saúde a partir do impacto das novas tecnologias de informação – notadamente a Internet - na rotina de trabalho de bibliotecários. Aponta a importância das instituições empregadoras na capacitação desse novo profissional, destacando a necessidade de mudanças na Universidade, especificamente no curso de graduação, de forma a alcançar a interdisciplinaridade característica da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Palavras-chave: formação profissional; atuação em saúde pública; tecnologia da informação

Abstract

It discusses the various possibilities of inserting the information professional within the public health sector in Brazil, dealing with both areas – Education and Health – taking into account the information technology impact on the librarian's routine jobs. It also points out the important role the employing institutions have to play along with the university Library and Information Science Programs so that changes can be made and the information field as a whole may display its natural interdisciplinarity characteristics.

Key-words: professional education; information work on public health ; information technology

Introdução

A revolução pós-industrial, denominada revolução eletrônica, ultrapassa a tecnologia e atinge, no caso da Biblioteconomia, não apenas a biblioteca e a maneira como a informação é tratada e disseminada, mas principalmente a aprendizagem e a educação formal dos profissionais da informação.

As bibliotecas hoje constituem estações de trabalho onde o usuário consulta mais a Internet que os livros: a revolução eletrônica colocou do mesmo tamanho pequenas e grandes bibliotecas, fez com que seus livros, revistas e bases de dados conversassem entre si, como uma grande biblioteca virtual do ciberespaço (Himmelfarb, 1999).

A revolução tecnológica permitiu o que se pode chamar de processo interativo, onde o produtor da informação na Internet é, ao mesmo tempo, seu intermediário e usuário final. Trouxe também o conceito de democratização do conhecimento, que infelizmente não pode ser confundido com a democratização do acesso ao conhecimento. Nesse caso, segundo Himmelfarb, verifica-se duas revoluções, a intelectual e a tecnológica, com uma relação simbiótica entre as duas.

A revolução intelectual, por sua vez, tem sido percebida e enfrentada por meio da reforma do sistema educacional em muitos países, que a justificam pela necessidade de integrar a Escola com o mercado de trabalho. Santana & Christófaros (2001) apontam o Brasil como um desses países ao considerar, em sua última reforma educacional, o conceito de competência como orientação doutrinária e operacional para preparação para o trabalho. Segundo os autores, as diferenças educacionais do Brasil encontram-se na base de todas as outras iniquidades e atingem todos os níveis de ensino; no caso do ensino superior, tem-se o agravante de que o conteúdo e o propósito da maioria dos cursos de graduação não formam os profissionais que a sociedade necessita. Soma-se a esse fato o custo dos cursos, a forma de ingresso à universidade e a distribuição regional dos mesmos, que privilegia as áreas mais desenvolvidas do país.

As discussões sobre a educação brasileira com a nova Lei de Diretrizes e Bases vêm retomando a premissa de que a escola é o local onde devem ser desenvolvidas as competências profissionais. É possível, a partir de então, desenvolver os currículos de forma a permitir que os alunos adquiram habilidades e competências adequadas à atuação em ambientes específicos. Ao flexibilizar a estrutura dos currículos de Biblioteconomia, as possibilidades ofertadas pela LDB ocorrem num cenário oportuno para a Ciência da Informação, uma das áreas mais afetadas pela revolução tecnológica, cuja mudança na sociedade obrigou os profissionais da informação a redefinirem seu lugar no mercado (Cunha, 2002).

No momento em que a formação bibliotecária assume facetas mais complexas, aumentam as exigências sobre o próprio fazer da profissão. Assim sendo, tem-se duas reflexões centrais: *que profissional da informação deve ser formado e que papéis pode desempenhar na área da saúde?*

A falta de uma política educacional para a área da Ciência da Informação compromete o estabelecimento de linhas de educação e a identificação das necessidades da área, dificultando a adequação do bibliotecário à realidade do mercado. O desafio é capacitar tanto profissionais que possam atender às necessidades tradicionais da área como outros, preparados para as novas demandas da sociedade da informação, altamente globalizada e tecnológica.

Segundo Werthein (2000), a informação é o fator-chave do novo paradigma e toda flexibilidade que ele exige, o que leva à necessidade de contínuo aperfeiçoamento intelectual e técnico, bem como a adaptação de trabalhadores, produtos e usuários e a convergência tecnológica, colocando, ao alcance da população, facilidades nunca antes imaginadas. A grande difusão das TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação - , por sua vez, não possibilita que toda a sociedade tenha as mesmas representações da realidade, especialmente no Brasil, cuja alta taxa de analfabetismo e o pequeno acesso à tecnologia da informação ainda refletem a estrutura de poder vigente no país.

Sobre esse aspecto, vale ainda resgatar a tradicional crítica de Paulo Freire à educação bancária como sendo o ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante; pois para ele “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Por refletir a estrutura de poder, para a concepção bancária, quanto mais adaptados os homens, tanto mais educados porque adequados ao mundo. A prática bancária inibe a criatividade de quem aprende, já que quem educa transmite um falso saber, que se traduz nos conteúdos impostos sem reflexo na realidade do educando. Ainda em concordância com Freire, “a educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo”.

O profissional da informação no paradigma virtual

As profissões que se relacionam intimamente com comunicação e transferência de informação são muitas e merecem estudos específicos. A Biblioteconomia, como toda Ciência da Informação, vem passando por mudanças estruturais desde que as tecnologias de informação assumiram um papel mais presente no processo de coleta, organização e disseminação da informação, razão pela qual se faz fundamental discutir o trinômio educação - tecnologia – saúde desde a perspectiva da formação e atuação do bibliotecário. No momento em que as TICs mudam o mundo, o ensino precisa acompanhar essa revolução, principalmente quando o acesso às redes, cada vez mais democrático, vêm alterando o foco do *ensinar* para o foco do *aprender*.

É imperativo identificar de que formas a Educação do bibliotecário pode contribuir para sua atuação na área da saúde, notadamente na saúde pública, contribuindo tanto com a Ciência da Informação como com as Ciências da Saúde e a Informática, de modo a formar um profissional híbrido e generalista, embora ainda especializado. Significa formar bibliotecários com grande potencial de resolver problemas, capazes de uma atuação interdisciplinar com a área da saúde, cujo desafio é formar pensadores capazes de buscar respostas às suas perguntas e com isso, produzir e reproduzir conhecimento para toda a sociedade.

É inerente à evolução do ser humano que se alterem os modos de pensar e de agir da sociedade por causa da mudança de paradigmas. Mudar paradigmas não se faz num passe de mágica, nem todas as pessoas estão prontas para ele, ao mesmo tempo e da mesma forma. Algumas pessoas estarão à frente, são os visionários que alheios a qualquer incompreensão, insistem num sonho e são os primeiros a experimentá-lo quando o mesmo se torna realidade. Muitos seguem esses líderes e conseguem acompanhar a mudança. Outros, apesar de inseridos nesse cenário, jamais conseguirão enxergar-se dentro desse processo. Deixando de lado os dois extremos, o visionário e aquele cuja atitude não se alterará, pretende-se estudar o grupo intermediário, o das pessoas que, inseridas no paradigma, querem avançar mas sentem-se sufocadas por não saberem como nem por onde começar.

No mundo do trabalho, o paradigma vem se alterando em alta velocidade desde que o homem tornou-se dependente da tecnologia. Porém, a universidade, responsável pela formação dos diferentes profissionais que atuam no mercado, não conseguiu alterar o paradigma do ensino.

O Brasil de hoje tem cara urbana, porém apresenta características ainda agrícolas de um país subdesenvolvido com grandes problemas sociais, entre eles o desemprego, cuja causa e conseqüência estão intimamente relacionadas com a educação brasileira. É imperativo repensar as políticas educacionais para formar pessoas que possam explorar toda a sua potencialidade. É necessário rever a formação dos profissionais e não avaliá-los segundo a carga de informação que receberam, para que seja possível aguçar sua criatividade de modo a responder às exigências da profissão.

Como a educação pode reduzir o desemprego é questão que vem sendo amplamente debatida por todos os setores da sociedade, sem que se tenha ainda conseguido resultados satisfatórios. Sugere-se, como ponto de partida, retomar o "aprender a aprender", retomar Paulo Freire e analisar a importância da educação contextualizada, não originada de políticas centrais que pouco têm a ver com a realidade do país.

A autoridade do professor - em cheque na sociedade virtual baseada principalmente na Internet - precisa ser utilizada não para impor idéias, mas para propor soluções que tirem o aluno da inércia e do

comodismo e o permitam reelaborar o conhecimento por meio de sua realidade; saindo do sistema de ensino reprodutivo para uma Educação participativa, democrática, contextualizada e incluyente.

Para alterar essa realidade, as Universidades têm estudado novas propostas, alterando currículos, discutindo programas multidisciplinares. No entanto, muito há ainda por fazer: as tecnologias de informação e comunicação não podem ser ignoradas nesse momento de reflexão sobre educação e as inúmeras intervenções que ela engloba. A contradição que se manifesta no país faz parte da transição para a sociedade do conhecimento, que será o recurso-chave da nova época. Apontada por Drucker (2001) como imediata, a sociedade do conhecimento existirá sem fronteiras e disponível para todos.

Estas características vêm tornando a sociedade bastante competitiva, onde a tecnologia da informação tem um papel significativo para as diversas áreas do conhecimento. A nova sociedade exigirá trabalhadores do conhecimento que utilizem a tecnologia da informação para proporcionar uma melhor qualidade de vida.

Educação e Tecnologia caminham juntas e se apresentam como o binômio que pode ajudar na solução dos problemas do país. A Biblioteconomia é uma das profissões que mais sofreram com a mudança de paradigma após o advento das novas TICs, inclusive com amplas discussões, ainda vigentes, que propõem até mesmo alteração do nome da profissão, a fim de adquirir um *status* mais moderno. Na década de 90, estudos em Universidades como UnB, UFMG e PUC-Campinas indicaram que demandas mais sofisticadas têm sido feitas ao profissional da informação do que ele foi preparado em sua educação formal. Outros trabalhos também apontaram as falhas das Escolas de Biblioteconomia, as expectativas do mercado e o perfil do bibliotecário. Mudanças curriculares, efetivadas no âmbito dos países do Mercosul, provocaram algumas respostas satisfatórias e diminuíram a ansiedade do mercado, mas esses esforços ainda não foram suficientes para atender às demandas de empregadores.

As instituições que desejam um perfil diferenciado do profissional da informação têm hoje que assumir a capacitação "tecnológica" desse novo especialista, que precisa se apropriar do conteúdo de informática da mesma maneira que se apropria do conteúdo informacional. O grande problema relacionado à capacitação desse profissional reside em romper resistências a mudanças, para enxergar novas práticas para velhos problemas.

Na Biblioteconomia, estudos iniciados na década de 80 já indicavam a mudança de paradigma para a área de informação. De um contexto eminentemente tradicional, fundamentado na instituição biblioteca como o espaço de preservação do conhecimento, com base na posse do documento, no desenvolvimento da coleção e no acervo físico, a Biblioteconomia de hoje ainda convive com a visão tradicional, mas a cada dia está mais voltada ao paradigma virtual.

O foco da área sempre será a informação, porém as tecnologias vêm alterando rapidamente o foco no *acervo* para o foco no *acesso* à informação. As bibliotecas virtuais sem paredes, conectadas em rede e dependentes das tecnologias de informação, mudaram o modo de trabalho do bibliotecário.

O mundo do trabalho pressiona, o ensino de Biblioteconomia não consegue ainda acompanhar a mudança de paradigma. Os debates na área concentram-se na alteração da nomenclatura do curso e das disciplinas de seu currículo. Inúmeras discussões dedicam-se à escolha de um nome “mais moderno e atraente” para o bibliotecário, como se essa mudança também pudesse alterar o saber-fazer da profissão.

Profissões vêm sendo criadas a partir de novas demandas do mercado e da sociedade, outras se extingüem e todas têm sido remodeladas. A mudança, entretanto, tem que se originar na estrutura da profissão, e a Escola é a grande responsável pela formação de profissionais com novas visões de mundo. Será bem-vindo todo esforço no sentido de aplicar modelos e práticas que visem o uso da tecnologia da informação como parte do projeto de inclusão digital, que é subsistema de um projeto bem mais amplo, o de construir uma sociedade realmente democrática.

A área da Saúde, em rápida transformação, muda também a ação de todos aqueles que trabalham com áreas afins, como é o caso do do profissional da informação atuando na área da saúde (bibliotecário-médico). Tendo sua atuação reconhecida na Europa e EUA, no Brasil esse profissional não possui uma capacitação específica, sendo moldado pelas poucas instituições empregadoras que se dispõem a fazê-lo.

Grande parte desses bibliotecários é absorvida pelas bibliotecas biomédicas universitárias, porém uma pequena (mas significativa) parte desses profissionais atua na BIREME – Centro Latinoamericano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - que é o centro da Organização Panamericana da Saúde responsável por coordenar as fontes de informação em saúde de 37 países da América Latina e Caribe. Para esses profissionais, trabalhar num centro de excelência na área inclui o desafio de conhecer e até dominar as tecnologias de informação utilizadas para o desenvolvimento de metodologias que permitirão o acesso universal e equitativo à informação em saúde. A mudança de paradigma surpreende pela velocidade com que ocorre no mundo virtual, no ciberespaço de Pierre Lévy, traduzido nesse caso pelo conceito de Biblioteca Virtual em Saúde em amplo desenvolvimento na BIREME desde 1998.

O modo como o bibliotecário desempenha suas atividades apresenta diferenças significativas dependendo do ambiente informacional em que está inserido e do tipo de tecnologia envolvida. A atuação em sistemas de informação na área da saúde infere diretamente nos atributos das atividades desenvolvidas e nos requisitos necessários ao bibliotecário que neles trabalha.

Este profissional apropria-se do conhecimento da área da saúde para compreender seu público e poder atender às suas necessidades informacionais. Porém, existem outros desafios, entre eles o tecnológico, que precisam ser suplantados para que o paradigma realmente se altere. Uma questão fundamental é identificar como planejar e implementar a capacitação do bibliotecário para que ele atue eficazmente em modelos como os das bibliotecas virtuais em saúde.

O mundo da saúde, por sua vez, é um campo ao mesmo tempo especializado e interdisciplinar, e o bibliotecário que nele atua tem que ser possuidor de um perfil semelhante ao de seu usuário; inclusive conhecer a instituição para a qual trabalha, a literatura e o jargão técnico da área. Segundo Santos (2000), seu perfil é "contingencial ao ambiente e sociedade onde atua", o que reforça a necessidade de revisão da área Biblioteconomia como um todo, e não apenas de seus currículos, defasados para a inserção do bibliotecário no mercado.

Para a Ciência da Informação, a diferença entre o bibliotecário e o moderno profissional da informação (MIP) parece residir no uso das novas tecnologias da informação e comunicação, que requerem competências sofisticadas para a atuação na realidade do espaço virtual. A alteração de paradigmas tradicionais da área de informação tem demandado do bibliotecário a capacidade de conduzir mudanças que, em concordância com Cubillo (1997), traz a reflexão sobre a mudança de paradigma na gestão e nos fluxos e estoques de informação. De acordo com este autor, da estrutura linear de organização da informação representada pelos catálogos, nos encontramos hoje no paradigma virtual de redes em que a hipertextualidade eliminou a linearidade do pensamento e da organização da informação, transformando o usuário passivo em seu produtor e intermediário.

O bibliotecário tem que se antecipar a essas mudanças e estar consciente para assumir novos nichos do mercado em crescente expansão, bem representado pelos portais da Internet, bases de dados eletrônicas e bibliotecas virtuais, que exigem um profissional preparado para selecionar, tratar, filtrar, disseminar e intermediar a informação.

As tecnologias de informação, embora imprescindíveis, devem ser vistas como ferramentas e não como áreas curriculares específicas. Assim, apesar de aparecerem como instrumentos para a atuação bibliotecária, as TICs têm que estar incluídas na discussões sobre as competências exigidas ao profissional da informação. Além das tecnologias inseridas na vida moderna, deve-se considerar a dificuldade em tratar a informação de uma determinada área sem ser especialista nessa área. Deixando de lado a questão da dupla formação profissional – inviável se considerarmos a formação profissional bibliotecária no país – faz-se urgente repensar a educação do bibliotecário voltado à área da saúde pública, tão complexa no Brasil como a própria Biblioteconomia.

O desafio em "capacitar bibliotecários para a saúde pública" perpassa toda complexidade e transdisciplinaridade das duas áreas, tornando ainda mais difícil a prescrição de receitas padronizadas aos cursos de graduação e de pós. O problema enfrentado na capacitação de recursos humanos não terá solução a curto prazo, mas a reflexão conjunta dessas áreas pode trazer à tona anseios e demandas que, se explicitados e criticados, poderão ser capazes de facilitar a identificação de perfis adequados ao bibliotecário que atua na saúde pública.

O crescimento exponencial de conhecimento da área médica e as tecnologias de informação afetam simultaneamente a infraestrutura das áreas de Saúde e Educação, que conseqüentemente tem alterado o papel dos bibliotecários que atuam na Saúde e os conhecimentos e habilidades demandados pelo mercado.

A MLA – Medical Library Association, em seu documento *Platform for changes* (1992), tem proposto diretrizes para os programas de graduação em Biblioteconomia médica, de forma a auxiliar a capacitação profissional do bibliotecário. Segundo a MLA, os bibliotecários ocupam uma posição única para a solução da gestão da informação, além de serem responsáveis por promover o acesso à informação para toda a sociedade. Os que atuam na área da Saúde, por sua vez, também possuem a responsabilidade de garantir que os avanços na ciência e tecnologia em saúde alcancem pesquisadores, educadores, profissionais de saúde, gestores e cidadãos comuns. Para isso, deles são exigidas competências como capacidade de solucionar problemas, capacidade analítica e habilidades interpessoais e organizacionais.

Espera-se que esse bibliotecário ocupe um papel de destaque na pesquisa sobre armazenamento, organização e uso de informação na educação e no cuidado com o paciente e na geração de novos conhecimentos. Exige-se desse profissional a capacidade de criar e consolidar parcerias e alianças para a sustentabilidade de seu trabalho, o que adiciona às exigências a habilidade para gerenciar pessoas e projetos.

É reconhecido que as Escolas de Biblioteconomia, por melhores que sejam os esforços através dos currículos e projetos pedagógicos da graduação, sozinhas não conseguirão formar os bibliotecários idealizados pelo mercado e pela sociedade. Sendo assim, é papel dessas escolas conscientizar os profissionais para a necessidade da educação continuada e atentar para sua responsabilidade pessoal em assumir os rumos da carreira.

A MLA reconhece que a Biblioteconomia voltada para a Saúde constitui uma área multifacetada, e que a profissão requer uma ampla faixa de conhecimentos interdisciplinares. A BIREME parece concordar com a associação americana ao demandar bibliotecários que tenham conhecimento na área da saúde e na de sistemas de informação.

Devido à impossibilidade de se possuir todas as competências e conhecimentos desejáveis, cada instituição empregadora tem que enfatizar as áreas e necessidades específicas de sua atuação.

No caso brasileiro, por causa da reforma do sistema de saúde, que culminou em 1988 com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), a saúde pública consolidou uma posição de destaque para as políticas públicas e como um de seus resultados, tem alterado a prática dos profissionais de saúde, de gestores e, como não poderia deixar de ocorrer, a dos bibliotecários que fazem parte desse sistema.

A nova saúde pública vem exigindo ações mais eficazes por parte dos gestores brasileiros, que hoje têm que prestar contas de seus atos à população (Ciol, 2001). Assim, cidadãos comuns, cientes de seus direitos, exigem a justificativa dos atos governamentais e até mesmo como modo de se defenderem, os gestores de saúde vêm cada dia mais se conscientizando da importância de tomar decisões baseadas em informação precisa, relevante e confiável.

No processo de mudança de paradigma informacional, o bibliotecário inserido nas ciências da saúde também vê ampliar seu campo de trabalho, que sai um pouco da esfera clínica e passa a trabalhar na abordagem da saúde pública, que por sua vez envolve novos tipos de informação, novas visões de trabalho, novos e diferentes usuários. Essa mudança confirma que a Biblioteconomia deve continuar a definir sua missão e remodelar seu corpo de conhecimento, que parece se alterar de acordo com a especificidade do campo de ação do bibliotecário.

Como parte integrante e integradora da sociedade, a biblioteca reflete as mudanças que ocorrem no mundo e que forçam a remodelação da mesma. A tecnologia que hoje permite a rápida comunicação e transferência de informação desafia os valores das pessoas que usam e principalmente daquelas que trabalham em bibliotecas. Dentre esses desafios estão a educação e capacitação inadequados, o que demonstra que as questões tecnológicas, por mais complexas que sejam, ainda são mais fáceis de serem resolvidas do que as que se referem ao aspecto humano (Saunders, 1999).

Na década de 90 o conceito de biblioteca virtual tornou-se padrão para descrever bibliotecas que oferecem acesso à informação utilizando um conjunto de redes, como a Internet e *World Wide Web*. Gopen apud Saunders (1999) definiu biblioteca virtual como o acesso remoto aos conteúdos e serviços de bibliotecas e outras fontes de informação, combinando uma coleção de materiais em formato impresso e eletrônico, conectados por meio de uma rede que permite o acesso e a obtenção da informação.

Para a BIREME, a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) é visualizada como a base distribuída do conhecimento científico e técnico em saúde registrado, organizado e armazenado em formato eletrônico nos países da América Latina e Caribe, acessíveis de forma universal na Internet de modo

compatível com as bases internacionais. A BVS é simulada em um espaço virtual da Internet formado pela coleção ou rede de fontes de informação em saúde, onde usuários de diferentes níveis e localização poderão interatuar e navegar nesse espaço, independentemente de sua localização física.

Ao alterar a noção de tempo, a tecnologia muda também a expectativa de velocidade do ser humano, que inclui a rapidez com que a biblioteca deve atender às necessidades informacionais. O usuário da atualidade espera que a biblioteca lhe envie pela Internet textos completos que possam ser recuperados imediatamente em seu computador pessoal. Essa demanda tem fortalecido iniciativas como a SciELO – Scientific Electronic Library Online – uma parceria entre BIREME e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), que é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Especialmente desenvolvido para responder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento, o modelo proporciona uma solução eficiente para assegurar a visibilidade e o acesso universal à sua literatura científica, contribuindo para a superação do fenômeno "ciência perdida".

Na Educação, a Internet e a biblioteca virtual alteraram a forma de estudar e pesquisar, reafirmando o papel crucial do bibliotecário como mediador da informação. Os novos modos de usar a tecnologia para novos serviços bibliotecários causam uma revolução nas bibliotecas e no modo de trabalho de seus profissionais.

O desafio do bibliotecário é a conscientização de que ele pode construir uma biblioteca virtual como um espaço para pessoas, com serviços para pessoas e como um centro de acesso à informação que utiliza tecnologias e recursos apropriados (Saunders, 1999). O desafio é também formar alianças entre a universidade, os empregadores e a classe bibliotecária de modo a aperfeiçoar as estratégias de capacitação que respondam e correspondam às demandas da nova sociedade .

REFERENCIAS

CIOL, R. (2001). Políticas municipais de saúde em Americana: nível de informação para tomada de decisão. Campinas. Dissertação (Mestrado Biblioteconomia e Ciência da Informação) – Faculdade de Biblioteconomia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

CUBILLO, J. (1997). La búsqueda de nuevos liderazgos organizacionales en gestión de la información en América Latina y el Caribe. IN: Cepal-Clades. Tres enfoques sobre el nuevo gestor de la información. Santiago : Cepal.

CUNHA, M.V. da. (2002). A formação em ciência da informação na França, no Canadá e na Dinamarca: comparação com o sistema brasileiro. *Encontros Bibli*. Capturado da Internet em 18.abril.2002. Disponível em [jError!Marcador no definido.](#)

DRUCKER, P. (2001). The next society. *The Economist*, 1. nov. 2001. (Library Surveys).

FREIRE, P. (2001). *A pedagogia do oprimido*. 30. Ed. São Paulo : Paz e Terra. 184p.

GILLIES, A. (2002). Information support for general practice in the new NHS. *Health libraries review*, 17, 91-96.

HIMMELFARB, G. Revolution in the library. *Library Trends*, 47 (4), p. 612.

LEVY, P. (1999). *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2. ed. São Paulo : Loyola.

MEDICAL LIBRARY ASSOCIATION. (1992). Platform for change: the educational policy statement of the Medical Library Association. MLA.

SANTANA, J. P.; CHRISTÓFARO, M. A. C. *Introdução a reforma educacional brasileira*. s.l; s.n; 2001. 5 p. (OPS. Publicación Científica y Técnica, 580). Disponível em: http://www.opas.org.br/rh/documentos/Ref_Ed_Brasil.pdf.

SANTOS, J. P. (2000). O perfil do profissional bibliotecário. IN: Valentin, M. P. (org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis.

SAUNDERS, L. M. (1999). The human element in the virtual library. *Library Trends*, 47, p. 771.

WERTHEIN, J. (2000). A sociedade da informação e seus desafios. *Ciência da Informação* (Brasília), 29 (2), 71-77, maio/ago. 2000.

SOBRE LAS AUTORAS

Renata Ciol

Nacida en Americana (São Paulo, Brasil) en 1972. Bibliotecaria del Centro Latino-Americano y del Caribe de Información en Ciencias de la Salud (BIREME/OPS/OMS). Maestra en Ciencia de la Información por la Pontificia Universidad Católica de Campinas .

Trabaja desde el año 2000 en el Proyecto de Desarrollo de Bibliotecas Virtuales en Salud (BVS): (<http://www.bireme.br>).

c.e: rciol@uol.com.br

Vera Silvia Marão Beraquet

Nacida em Tanabi (São Paulo, Brasil) em 1951. Doctora em Ciencia de la Información por la Universidad de Loughborough, Reino Unido. Profesora de la carrera de Bibliotecología de la Pontificia Universidad Católica de Campinas.

Actualmente es pro-rectora de investigación y pos-grado de la Pontificia Universidad Católica de Campinas.

c.e: beraquet@puc-campinas.edu.br